



O Ideário Patrimonial О идеарио

*O Carácter Epistemológico da
Cultura*



www.cta.ipt.pt

N. 13 // dezembro 2019 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

EDITORES

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor José d' Encarnação, Universidade de Coimbra

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Professora Doutora Teresa Desterro, Instituto Politécnico de Tomar

Professora Especialista Fernando Salvador Sanchez, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor Gustavo Portocarrero, Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa (CIEBA)

CONSELHO CIENTÍFICO

Professor Catedrático Carlos Costa, Universidade de Aveiro

Professor Doutor Carlos Cupeto, Universidade de Évora

Professor Doutor André Luis Ramos Soares, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Professor Doutor Fabio Negrino, Università degli Studi di Genova

Professora Doutora Hália Santos, Instituto Politécnico de Tomar e Directora do ESTAJornal

Professora Doutora Maria João Bom, Instituto Politécnico de Tomar

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem© | Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183-1394

LATINDEX folio n° 23591

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores



Índice

EDITORIAL	06
ARA DEDICADA A JÚPITER IDENTIFICADA EM CÁRQUERE (RESENDE) José d'Encarnação & Carla Vicente	08
O PAPEL ENQUANTO SUPORTE GRÁFICO - BREVES NOÇÕES DE CONSERVAÇÃO - Joaquim Pombo Gonçalves	20
PARADIGMI VISIVI E PROCESSI COGNITIVI Massimo Squillacciotti	33
I COLORI DEL SOGNO DI GATSBY: PROPOSTA DI ANALISI SEMIÓTICA Paola Tinè	41
LENDAS E MITOS RURAIS E URBANOS DE MOÇAMBIQUE (UM MUNDO EM EXTINÇÃO?) Marco Valente	49
DIMENSÕES ENTRE A MUSEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BRASIL: CAMINHOS E TRANSFORMAÇÕES José Antônio de Sousa	73
DIDÁCTICA, ARQUEOLOGÍA PÚBLICA Y EDUCACIÓN PATRIMONIAL EN EL PARQUE MUSEO ARQUEOLÓGICO DE TUNJA – UPTC Laura López Estupiñán	87
DISCONTINUITÉ DE L'AUTHEMATICITE OU AUTHENTICITE DE LA DISCONTINUITÉ? MARRAKECH A L'ÉPREUVE DU TOURISME DE MASSE Khalid El Housni, Nabil Oursafi, Larbi Safaa, Faysal Lemjidi	99
L'INTERPRETATION DU PATRIMOINE: DU CONCEPT A L'INSTITUTION - LE CAS DU MAROC Mohamed Lazhar	114
PLACE JAMAÄ EL FNA À MARRAKECH: D'UN ESPACE UTILITAIRE À UNE VALEUR PATRIMONIALISÉE Mina El Hilali	128
UNE ÉTUDE LONGITUDINALE DE LA CLASSIFICATION DES HÔTELS SUR TRIPADVISOR. VERS UN CHANGEMENT DES STRATÉGIES DE COMMUNICATION POUR UN MANAGEMENT EFFICACE DE LA E- REPUTATION, APPLICATION AU SECTEUR DE L'HOSPITALITY AU MAROC Youssef El Azyzy	154

EDITORIAL

Os dois primeiros artigos (*Ara Dedicada a Júpiter identificada em Cárquere (Resende)*; *O Papel enquanto Suporte Gráfico - breves noções de conservação -*), ainda sobre temáticas diversas, debruçam-se sobre o valor inestimável da Epigrafia, transportando-nos para uma realidade dos tempos da ocupação Romana; enquanto, para por essa mesma razão a Conservação, Restauro e Arquivística empresta quer à História, quer à Pré-História, uma mais-valia no tocante às descobertas colocadas à vista através do suporte que minimiza prejuízos, que fariam parte do silêncio da escrita.

Já os dois artigos seguintes debruçam-se sobre correntes teóricas das Ciências Humanas e das Artes (*Paradigmi Visivi e Processi Cognitivi*; *I Colori del Sogno di Gatsby: Proposta di Analisi Semiótica*), revestindo-se de um cariz paradigmático, relativamente à imagem e à leitura, nos quais existe lugar para perspetivas cognitivo-filosófico.

Lendas e Mitos Rurais e Urbanos de Moçambique (Um Mundo em Extinção?) leva-nos para um Universo Imaginário, utilizando metodologias próprias desta área do Conhecimento, totalmente preenchido pelo afã na Protecção e Preservação do Património Imaterial da República Moçambicana.

Os artigos seguintes valem pela variada aproximação à Museologia, ao Património e ao Turismo no Brasil, na Colômbia e em Marrocos (*Dimensões entre a Museologia e Educação Patrimonial no Brasil: Caminhos e Transformações*; *Didáctica, Arqueología Pública y Educación Patrimonial en el Parque Museo Arqueológico de Tunja – UPTC*; *L'Interpretation du Patrimoine: du Concept a L'Institution - Le Cas du Maroc*; *Place Jamaä el Fna à Marrakech: d'un Espace Utilitaire à une Valeur Patrimonialisée*); *Une Étude Longitudinale de la Classification des Hôtels sur TRIPADVISOR. vers un Changement des Stratégies de Communication pour un Management Efficace de la E-Reputation, Application au Secteur de L'Hospitality au Maroc*). Qualquer um destes artigos aborda a Salvaguarda e Protecção dos Patrimónios, com base em correntes teóricas diversas, neles incluindo o factor económico que alavanca as economias locais de cada País.



20 de Dezembro de 2019
Ana Cruz

**ARA DEDICADA A JÚPITER
IDENTIFICADA EM CÁRQUERE (RESENDE)**

**A ROMAN ARA DEDICATED TO JÚPITER
FROM CÁRQUERE (RESENDE)**

Recebido a 30 de outubro de 2019

Revisto a 18 de novembro de 2019

Aceite a 22 de dezembro de 2019

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Rua Eça de Queiroz, 89
Pampilheira
P – 2750-662 Cascais
jde@fl.uc.pt

Carla Vicente

Museu Municipal de Resende
Rua Dr. Amadeu Sargaço
4660-238 RESENDE
carlavicente@cm-resende.pt
ccpav@sapo.pt

Resumo

Retoma-se o estudo de uma árula dedicada a Júpiter Ótimo Máximo, procedente de Cárquere, concelho de Resende. Assinala-se o inusitado da forma e propõe-se nova leitura, considerando o texto completo, uma vez que deve ter sido intenção dos dedicantes identificarem-se apenas por *castellani*. É datável dos primórdios do século I da nossa era.

Palavras-chave: Culto a I. O. M.; *Castellum*; *Castellani*; *Centuria*.

Resumé

On reprend l'étude d'un petit autel dédié à I. O. M., trouvé à Cárquere (Resende), dans le Nord de la Lusitanie. On en fait la description en détail et une nouvelle lecture est proposée, étant donné que le texte doit être considéré comme complet, puisque les dédicants ont voulu tout simplement être identifiés comme *castellani*. C'est un monument que l'on peut dater du début du I siècle de notre ère.

Mots Clés: Cult a I. O.; M.; *Castellum*; *Castellani*; *Centuria*.

Abstract

A Roman ara from Cárquere (Resende), at the Lusitania North, is studied in this paper. A new lecture is presented, and the text may be considered as complete, because the dedicants are only identified as *castellani*. It's a monument of the beginning of the I century after Christ.

Keywords: The cult to I. O. M.; *Castellum*; *Castellani*; *Ccenturia*.

Encontra-se desde 2006, no Museu Municipal de Resende, com o n.º de inventário ARQ.0114, uma árula de granito rosado, que, embora já estudada (Sequeira e Lopes 2000, 90-91, n.º 4, figs. 4-4a) e, inclusive, nos habituais *corpora* que reúnem os monumentos epigráficos da Hispânia (HEp 10, 2004, 749 e HEpOL n.º de registo 23 462) e do mundo romano (EDCS 24600018) merece nova reflexão, atendendo ao seu carácter inusitado.

Dir-se-á, em primeiro lugar, que se trata do fruto, digamos assim, de uma cedência por tempo indeterminado. Era seu proprietário o recentemente falecido Dr. Vítor Cardoso, médico no hospital de S. João, no Porto, sobrinho do Eng. Edgar Cardoso (o conhecido projectista da ponte ferroviária de São João no Porto). Segundo o Doutor Lino Tavares Dias nos confidenciou, Vítor Cardoso considerava a árula a sua "menina bonita". Tinha-a na sua posse desde a década de 70 e, de acordo com as informações que deu à responsável do Museu, na altura em que procedeu à entrega, declarou que fora encontrada na freguesia de Cárquere e que, como colecionador que era e grande apaixonado pela História, a adquiriu, com o fim de a salvar até ao dia em que se decidiu a entregá-la no Museu de Resende.

1. Descrição

Dimensões: 51 x 20,5 x 20 cm.

«Tem uma forma singular, apresentando uma decoração simétrica: toros, com 6 cm de diâmetro, dispostos de topo com círculos para a face principal e contendo um orifício no centro (com 1 cm de diâmetro), parecendo-nos querer imitar volutas unidas por um arco em relevo e sobrepostas por troncos de pirâmide encimada por *foculus* de 12 cm de diâmetro» – assim a descrevem Carla Sequeira e A. Baptista Lopes (2000, p. 90).

Singular é, desde logo, a forma inusitada do capitel, invulgarmente alto, alisado. Cortado obliquamente do lado direito, está dividido do fuste, na face dianteira (Figura 1), por uma banda limitada superior e inferiormente por filete. Sobre ela e a meio, tanto nessa face como na da direita, dois semicírculos paralelos, como que a simbolizar uma entrada.



Figura 1. Face dianteira do monumento. Fonte: Museu de Resende

Nessa face anterior há, ainda, lateralmente e na moldura (aí bastante deteriorada), duas saliências arredondadas, em jeito de *umbo* com orifício ao centro (apenas o da esquerda está completo), elementos susceptíveis de serem considerados como a representação dos habituais toros. Sendo assim, ainda que, no conjunto do monumento, os dois filetes apontem para moldura a separar o capitel do fuste, a presença desses dois elementos contradiz aparentemente essa hipótese.

Não resta, porém, dúvida de que estamos, do ponto de vista estético, perante uma tipologia incomum no conjunto da epigrafia da Lusitânia romana, a lembrar, embora vagamente, as estelas de Poza de la Sal, que também têm abertura semicircular parecida, todavia sob a decoração que poderia querer simular o topo dos toros, como acontece na Figura 2 da estampa II e na Figura 3 da estampa VIII do livro de Abásolo, Albertos e Elorza, que, com a devida vénia, reproduzimos (Figuras 2 e 3).



Figura 2. Estela de Poza de La Sal. Abasolo /Fonte: Abasolo / Albertos / Elorza



Figura 3. Outra estela de Poza de La Sal. Fonte: Albertos / Elorza

De facto, os monumentos epigráficos romanos de Cárquere – na sua grande maioria estelas funerárias – evocam uma gramática decorativa *sui generis* (cf., a título de exemplo, Dias 1986, p. 187, e Caron 1996). Escolhemos como termos de comparação (e outros poderiam ser) a estela FE 242 (Figura 4), com a concavidade semicircular por cima da inscrição, onde, segundo Caron, poderia ter existido, em relevo, a representação de uma ou várias figurinhas, «por completo arrasadas actualmente»; e a estela HEpOL 26026 (Figura 5), com os dois círculos gravados antes do campo epigráfico, a despeito do que parecem ser toros nos vértices inferiores do frontão triangular. Tudo num ar grosseiro, convenhamos, mas a denotar gosto estético não despidiendo.



Figura 4. Estela de Cárquere. Fonte: Ficheiro Epigráfico



Figura 5. Estela de Cárquere. Fonte: Caron.

Voltemos à descrição da árula.

Na face esquerda (Figura 6), é nítida a moldura, que os dois filetes fazem assumir uma tipologia de faixa saliente. O trecho de circunferência visível à esquerda não se nos afigura ter

significado. O capitel está, aqui, bastante danificado, deixando, porém, ver o que resta da concavidade do fôculo.



Figura 6. Face esquerda do monumento. Fonte: Museu de Resende.

A face posterior (Figura 7) está grosseiramente alisada e a moldura que vem das outras faces foi aí, aparentemente, interrompida, deixando como que dois nódulos, um de cada lado. O capitel é informe.



Figura 7. Face posterior do monumento. Fonte: Museu de Resende.

Na face da direita (Figura 8), o capitel repete o motivo decorativo da face dianteira – uma espécie de entrada sugerida por dois semicírculos paralelos – sobre o filete superior da moldura, aqui completa. A inscrição inseriu-se na metade inferior do espaço. Sofreu o monumento seus tratos de polé – como sói dizer-se – e, por isso, é nossa opinião que apenas deverão ser consideradas as quatro letras, não só devido ao seu visível alinhamento à esquerda, mas também pela profundidade da gravação. O que se vê no começo das linhas 1 e 2 dessa face – até aqui lido como sendo C e F – não terá, porém, significado epigráfico, assim como se deverá ter como escoriação o sulco deveras irregular que se enxerga após o A final.



Figura 8. Face direita do monumento. Fonte: Museu de Resende.

Note-se, desde já, a existência de um – também invulgar – espaço hoje não inteiramente alisado antes da linha 1 da epígrafe. Teria havido aí alguma decoração que foi destruída? Na verdade, não se enxerga razão plausível para a inscrição começar tão abaixo da «moldura» tanto na face anterior como na da direita, a não ser que se pensasse em colocar a árula numa posição superior ao olhar humano normal, de forma que, em perspectiva, esse espaço vazio quedasse menor. É hipótese a ter em conta, se pensarmos que se trata de uma árula e este tipo de monumento destina-se a figurar, como oferenda, num espaço sagrado (templo edificado ou simples local mesmo ao ar livre, ponto de reunião da população em dias festivos).

2. A Leitura

Tendo em conta o que atrás assinalámos, designadamente em relação à segunda face epigrafada, a nossa leitura interpretada é a seguinte:

I(*ovi*) O(*ptimo*) M(*aximo*) / CASTE/LANI // V(*otum*) P(*osuerunt*) / L(*ibentes*) A(*nimo*)

«A Júpiter Ótimo Máximo os castelãos puseram o seu voto de livre vontade».

Altura das letras (face anterior): l. 1: I = 4,7, O e M = 3,9; l. 2: C = 4,55, A = 4,8, S = 6,3, T = 5,4, E = 5,5.

Na face anterior, a paginação obedece a um eixo de simetria e, na linha 1, há ponto redondo a separar o I do O e, desajeitadamente, o lapicida pôs também um ponto na segunda perna do M. Aliás, a sua imperícia fica bem patente quando parece ter-se aproveitado de parte do O para a primeira haste do M, na medida em que a segunda dá a impressão de nascer precisamente do O, ainda que não possa considerar-se haver nexos: simplesmente, imperícia!

Na l. 2, é desigual o módulo dos caracteres, sobressaindo, pela sua altura, o S, denotando o E inclinação à direita, a denunciar uma gravação perante minuta feita à mão levantada, como, de resto, também o aspecto encurvado do A demonstra.

A leitura LANI, na l. 3, com apenas um L, não oferece dúvida, apesar da fractura ter ocorrido sensivelmente a meio da altura dos caracteres, e todos quantos já se debruçaram sobre esta epígrafe a aceitam: do L temos metade da haste vertical; do A mais do que a metade superior; o N está bastante esboroadado, mas o que resta das duas hastes verticais autoriza a sua reconstituição; do I há a metade superior. Nada se lê depois.

Haveria uma linha 4? As proporções da árula e o texto da outra face, atendendo a que haveria ainda uma base com sua moldura, não apontam para a sua existência.

Na face da direita, onde a epígrafe se conclui, rejeitadas como letras os toscos traços visíveis no esborcinado inicial das duas linhas sem pontuação, está bem patente a não obediência a um módulo fixo. Gravação funda. V simétrico; P fechado; L de haste longa e barra a obliquar para baixo; A idêntico ao da face anterior; após o A, o que se vê não é intencionalmente epigráfico.

Afastamo-nos, assim, das hipóteses interpretativas apresentadas até ao momento, nomeadamente em dois pontos: na recusa de uma 4ª linha na face anterior e na desconsideração de serem caracteres o que se vê na face da direita, que, por exemplo, Carla Sequeira e Baptista Lopes (2000, p. 91) interpretaram como C(*astelani*), na l. 1, antes do V, e C(*uraverunt*) no final, optando pela reconstituição V(*otum*) P(*onendi*) / L(*ibenter*) A(*nimo*) C(*uraverunt*), uma

fórmula que seria, na verdade, fora de facto, fora do comum. Além do facto de, a nosso ver, não serem caracteres efectivos, acresce a circunstância de a repetição do dedicante não ter razão de ser; por outro lado, em relação ao eventual C(*uraverunt*), está tudo dito com apenas as quatro siglas que referimos.

3. A Mensagem Histórica

Que significado histórico se poderá atribuir a este singelo monumento?

Não são raros os testemunhos de dedicatórias ao deus maior dos Romanos por parte de comunidades indígenas nesta zona norte da Lusitânia, como, no comentário a esta epígrafe em HEp 10 2004 n° 749 (que se faz eco da publicação de Sequeira e Lopes), o saudoso João Luís da Inês Vaz devidamente sublinhou. Recorda-se o caso da *civitas Cobelcorum* (Frade 1998), o da *Civitas Baniensium* (DIP, p. 186-187 e p. 397), o da *civitas Coilarnum* (Vaz 2007, pp. 62-63) e recentemente (Encarnação 2018, p. 27-33) se analisou a problemática desse tipo de monumentos. João Vaz chama, mui sensatamente, a atenção para a circunstância de não haver, nessas zonas, culto oficial ao imperador, «mais difícil de aceitar por uma população rural do que por uma população urbana»; seria como que «uma compensação» por essa ausência (HEp).

Optamos pela inexistência de especificação dos *castellani*. Seriam os habitantes do lugar onde a oferta foi feita e, por isso, todos sabiam quem eram e bastava essa designação para se saber que se tratava da dedicatória da comunidade local. Além disso, é bastante plausível que ainda se não houvesse criado a consciência total de comunidade devidamente identificável.

Claro que, para os historiadores, teria sido mais aliciante que essa especificação ali viesse consignada, porque se identificaria o *castellum* correspondente ao sítio de Cárquere, que – como vimos – tanto monumento epigráfico nos legou. Ficamos na dúvida. Não se trata, no entanto, de caso único na epigrafia romana peninsular: também na dedicatória à divindade indígena *Cenduedia*, de Bembibre (León), os dedicantes apenas se designam por *Castellani* (HEpOL n° 16 189).

Interessará, todavia, especificar o que se entenderia por *castellum*. Que diferença poderia ter de *vicus* ou de *civitas*. Mantém-se em aberto a discussão sobre essa terminologia e a categoria – eventualmente escalonada em importância cívica ou territorial – afecta a cada uma dessas designações. À primeira vista – que se nos perdoe a ousadia da proposta – *castellum* não terá conotação administrativa, mas sim geográfica: designaria tão-simplesmente um aglomerado populacional sito numa elevação. *Vicus*, por seu turno, poderia ser a qualificação de um povoado em planície ou planalto, isto é, em terreno plano. À *civitas* se atribuiria, ao invés, uma conotação já tendencialmente urbana, quiçá com alguma organização administrativa, ainda que a nível das *gentes* que nela habitavam.

Habitualmente, pelo menos no que se conhece da epigrafia peninsular, a palavra *castellum* surge acompanhada de um determinativo. Assim, numa epígrafe de Garvão (Ourique, no Sul da Lusitânia), os familiares de *Bracarus Ladronus* fazem questão em especificar, no seu epitáfio, que ele é do *castello Durbede* (HEpOL n° 20469); em Mangualde, *Caius Caielianus Modestus* recorda numa epígrafe a oferta feita (*donum dedit*) *castellanis Araocelensibus* (HEpOL 16767), um *castellum* cuja localização exacta se desconhece.

A esse termo está ligada, desde há muito, a polémica acerca do significado do C invertido, que surge nas inscrições romanas, mormente as militares, como sinónimo de *centuria*, mas que poderia designar *castellum*, nas inscrições do Noroeste hispânico. A

discussão foi aberta em 1975 por María Lourdes Albertos Firmat, que, após ter sistematicamente desdobrado o C invertido por *centuria*, escreveu:

«Por ultimo señalemos que los datos epigráficos no nos autorizan a entrar en el carácter y estructura interna de estas agrupaciones que llamamos “centurias” y esta cuestión sigue abierta a los historiadores y etnólogos» (1975, p. 35-36).

Todavía, com a clarividência que a caracterizava, nesse mesmo opúsculo, depois de haver reflectido, muda de opinião e confessa:

«Así pues creemos que las palabras, normalmente en ablativo, precedidas del signo C y frecuentemente acompañadas de un étnico astur occidental o galaico han de considerarse nombres de castros o citanias e interpretarse el signo C como *castello* abl.» (p. 65).

Patrick Le Roux e Alain Tranoy (1984) retomam o assunto e, renunciando de boa vontade a desdobramos C em *centuria*, declaram que a opção por *castellum* poderá não resolver todas as questões que se antojam neste domínio; *gentilitas*, pelo contrário, é um termo, afirmam, que «tem o mérito de permitir conciliar o papel das estruturas de parentesco, o lugar da administração romana e a originalidade da *Callaecia*» (p. 255).

Patrick Le Roux voltará a debruçar-se sobre o tema (1994) e, apesar de salientar a dificuldade de uma opção nítida no que concerne a classificações, sugere que «o sítio de um *castellum* indígena jamais deixou de ser um habitat sem conteúdo nem político nem social, no seio de um *populus*, e não está provado que os próprios indígenas alguma vez lhe tenham atribuído alguma função dessa natureza» (p. 157). Observa, contudo, que haveria sempre uma tendência para «escolher os sítios mais favoráveis» (p. 158). No fundo, arriscamo-nos a observar, há concordância com a proposta de ‘classificação’ que propusemos atrás.

Lamenta João Vaz, no citado comentário (HEp 10, 2004, nº 749), que falte nesta inscrição o nome do castelo, considerando que essa falta lhe diminui o valor. Sem dúvida que esse dado «resolveria o problema do povo localizado em Cárquere, onde se tem pretendido localizar os *Paesures* ou *Paesuri*»; mas a falta não se deve ao facto de a ara estar partida e sim à deliberada omissão dessa identificação por parte dos *castellani* encomendantes, como sugerimos.

A tipologia do monumento ainda incipiente; a desordenada paleografia, a omissão do L em *castellani* e, também, a referida e justificada falta de identificação do topónimo – convergem, em nosso entender, para poder atribuir-se ao monumento uma datação dos primórdios do século I da nossa era.

Referências

- Abásolo, J. A., Albertos, M. L. & Elorza, J. C. (1975). *Los Monumentos Funerarios de Epoca Romana, en Forma de Casa, de la Región de Poza de La Sal (Bureba, Burgos)*. Burgos, Diputación Provincial.
- Albertos Firmat, M^a L. (1975). *Organizaciones Suprafamiliares en la Hispania Antigua*. Santiago de Compostela e Valladolid. Departamentos de Prehistoria y Arqueología das universidades.
- Caron, L. (1996). Monuments épigraphiques de Cárquere. *Ficheiro Epigráfico* 51, inscrições nºs 239-244 (inde: HEp 7 1997 1279-1282).

Dias, M. M. A. (1986). Incrições romanas inéditas de Cárquere, Resende, na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. *O Arqueólogo Português*. série IV (4) 185-202. Na pág. 187, nota 5, dá conta da «principal bibliografia da epigrafia de Cárquere» e para essa nota ora se remete.

DIP = Encarnação, J. d' (2015). *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. Acessível em: http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/pdfs_online/1975_Divindades

Duarte, J. C. (1994). Resende e a Sua História. *O Concelho*. Câmara Municipal de Resende, vol. 1, 298 (Figura) e 299.

EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby, acessível em <http://www.manfredclauss.de/gb/>
Encarnação, J. d' (2018). Apostilas epigráficas – 8. *Liburna 13* (Nov 2018), 27-49. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/81370>

Frade, H. (1998). Ara a Júpiter da civitas Cobelcorum. *Ficheiro Epigráfico* 58, nº 266.

HEp = *Hispania Epigraphica*. Madrid: Universidad Complutense.

HEpOL= versão on line de *Hispania Epigraphica*, revista editada pela Universidade Complutense de Madrid, acessível em <http://eda-bea.es/>

Le Roux, P. & Tranoy, A. (1984). Le mot et la chose. Contribution au débat historiographique. *Lucerna. Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*, 239-255 (= *Archivo Español de Arqueología*. 56 1983, 109-121).

Le Roux, P. (1994). Vicus et castellum en Lusitanie sous l'empire *Les Campagnes de Lusitanie Romaine. Occupation du Sol et Habitats*. Gorges, J.-G. e Salinas de Frías, M. (Eds) Casa de Velázquez / Salamanca: Universidad de Madrid, 151-160.

Mattos, A. (1948). Inventário das inscrições do Douro Litoral. *Douro Litoral*, III série, I, 65-76. Incrições nºs 81, 83, 84 & 86.

Sequeira, C, & Lopes, A. B. (2000). Incrições romanas de Cárquere. *O Arqueólogo Português* série IV, (18) 85-98.

Vaz, J. L. I. (2007). *Lamego na época romana, capital dos Coilarnos*. Associação para a Valorização e Defesa do Património do Vale do Douro, Lamego.

Post-scriptum

Teve o Professor Jorge de Alarcão a gentileza – que muito agradecemos – de nos recordar que teria escrito algo a propósito dessa ara. Tinha, de facto; mas esse seu texto passara-nos despercebido e, felizmente, a sua opção de interpretação coincide inteiramente com a nossa, porque escreve:

«Apesar de a ara se achar fracturada e incompleta na parte inferior, não é forçoso pensar que, a seguir a castelani, viria um etnónimo, através do qual os habitantes do suposto castellum se identificariam» (p. 78).

E aduz, como argumento, precisamente o texto de Bembibre (León), que nós citamos.

Cf. «ALARCÃO (Jorge de), «Destacamento(s) da Legião X Gemina no Baixo Douro no Tempo de Cláudio?», *Al-madan*, 13, 2005, p. 78-81.